

GUERRA COLONIAL

Combatentes mortos em Angola vão ter direito pela primeira vez a cemitério

Ainda existem 586 militares do Exército português enterrados em campos espalhados pelo território angolano.



Agora que foi autorizada pelas autoridades de Angola a identificação por Portugal dos locais onde estão sepultados os restos mortais dos soldados portugueses que tombaram durante a guerra colonial, a Liga dos Combatentes, sob a tutela do Ministério da Defesa Nacional (MDN), pode replicar em Angola a operação que já lançou e terminou em Moçambique e na Guiné-Bissau entre 2005 e 2016, no âmbito de um programa intitulado Conservação das Memórias.

O Arquivo Geral do Exército português tem registo de 187 cidades, vilas, aldeias ou cubatas em Angola onde estiveram destacados combatentes das [tropas coloniais portuguesas](#). E tem também registo dos nomes dos que morreram em combate em cada um desses lugares, com fotografias das campos onde estão gravados os nomes dos falecidos.

É a esses locais inóspitos, junto a aldeias ou “a arbustos que entretanto se transformaram em embondeiros”, como diz o vice-presidente da Liga dos Combatente, o major-general Fernando Aguda, que a operação (agora autorizada) quer chegar. O trabalho no terreno permitirá identificar os restos mortais nesses pequenos cemitérios improvisados junto às unidades militares portuguesas em Angola. No país, estão sepultados 586 militares nascidos e recrutados em Portugal, e 817 recrutados localmente.

P PÚBLICO CAMILO SOLDADO



Não ficou para trás. António morreu em Angola em 1963 e voltou agora a casa

Hoje com 74 anos, Reinaldo dos Santos recorda o tempo de serviço cumprido em Angola, entre 1965 e 1967. Foram 28 meses. Esteve destacado como enfermeiro da polícia militar em Luanda e fala com o PÚBLICO na rotunda que serve de homenagem aos mortos na Guerra Colonial, à entrada de Tondela, em Viseu.

[Ler o artigo no publico.pt >](#)

Na edição de sábado, o *Expresso* noticiou que, na semana passada, chegou ao Palácio de Belém a garantia do Governo de Angola de desbloquear o processo de transladação dos corpos de ex-combatentes – um assunto que foi abordado entre os dois Presidentes durante a recente visita de Marcelo Rebelo de Sousa a Angola.

A autorização é para a deslocação e identificação dos locais bem como para o transporte dos restos mortais dos portugueses, mas no interior de Angola e não para Portugal, esclarece ao PÚBLICO o vice-presidente da Liga dos Combatentes, à qual chegou uma carta do ministro angolano dos Antigos Combatentes e Veteranos da Pátria com a mesma informação. A autorização para virem para Portugal, essa, sempre existiu, desde que as famílias assumam as despesas. Aconteceu em cerca de 16 casos, de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

“Trata-se da transladação dentro do território angolano e não para Portugal. A palavra é a mesma”, insiste o major-general Fernando Aguda. “O que foi agora autorizado foi a deslocação formal e cooperante entre Estados para se fazer um levantamento.”

P PÚBLICO ISABEL COUTINHO



Os pecados de Portugal em África foram todo um tema em Guadalajara

Lidia Jorge, Isabela Figueiredo e Dulce Maria Cardoso levaram à maior feira do livro de um continente com um negro-histórial de colonização relatos da difícil relação de um país com as suas ex-colónias. Uma das sessões acabou em lágrimas.

[Ler o artigo no publico.pt >](#)

Combatentes mortos em Angola vão ter direito pela primeira vez a cemitério

O objectivo é deslocar os restos mortais que se encontram em lugares distantes e inóspitos para ossários construídos de raiz e mantidos pela Liga dos Combatentes, onde possam ser guardados. “Há uma ideia [dos locais], mas ainda não vimos o terreno e ainda não quantificámos o custo. Mas será no norte e no centro do país.”

O mesmo aconteceu em Moçambique e na Guiné-Bissau, com 117 militares nos dois países. Uma cerimónia anual no Dia dos Mortos é realizada em homenagem aos soldados na presença de representantes das embaixadas nestes dois países.

Mais de 100 levantados

“Em Moçambique levantámos 73 corpos e na Guiné-Bissau foram 44 corpos que levámos para ossários devidamente acondicionados e em urnas identificadas. Além desses, há os que estão sepultados nos cemitérios municipais, 83 campas. Arranjamos e pintamos as campas, mas não os tiraremos de lá”, continua o general Fernando Aguda.

P PÚBLICO



Restos mortais do cabo Aquilino deixam Angola quase 60 anos depois

Quase 60 anos depois de chegar a Angola, como militar, os restos mortais do cabo Aquilino Silva Gonçalves partiram nesta quinta-feira do cemitério do Sassa, província do Bengo, onde permaneciam desde Outubro de 1961, iniciando finalmente o regresso a Portugal.

[Ler o artigo no publico.pt >](#)

Estas operações inscrevem-se num programa financiado pelo Ministério da Defesa Nacional, e que permite à Liga dos Combatentes executá-los (com algum dinheiro que tem também), explica.

Para as famílias que possam trazer os corpos para Portugal, o transporte a partir das capitais de Moçambique e Angola está assegurado graciosamente pela TAP, no âmbito de um acordo com a Liga dos Combatentes. Porém o transporte até aos aeroportos nas capitais tem de ser assegurado pelas famílias. Nalguns casos, diz o general, esse procedimento, entregue a uma agência funerária, representa uma despesa de alguns milhares de euros. “Muitas pessoas querem, mas não podem fazê-lo”.

Sepultados em Portugal

Até 1968, os soldados portugueses mortos nas guerras em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique vinham para Portugal onde se realizavam os funerais. A partir desse ano, a política mudou. “Fruto do impacto brutal psicológico nas aldeias e zonas do país que mais homens mobilizaram, começou a ser pernicioso do ponto de vista da imagem daquilo que estava a acontecer”, diz o major-general Fernando Aguda.

Em Moçambique e na Guiné-Bissau, onde localizou e transportou restos mortais para cemitérios e ossários mantidos pela Liga dos Combatentes, não encontrou nenhuma campa com data anterior a 1968. “Presume-se que, até esse ano, a política foi uma e, dali para a frente, foi outra. A Liga dos

Combatentes mortos em Angola vão ter direito pela primeira vez a cemitério

Combatentes já pretendeu identificar a determinação governamental que não viabilizou a transferência para Portugal, e não se encontra. Deve ter sido uma ordem verbal.”

Comentário do veterano JC Abreu dos Santos, no facebook,

[sítio dos Veteranos Combatentes da Guerra do Ultramar](#)

... os disparates da "comunicação social" e as parangonas enganadoras!

- «Combatentes mortos em Angola vão ter direito pela primeira vez [sic] a cemitério.»

"Pela primeira vez"?!

Ó valha-nos Nossa Senhora das Notícias Falsas...

Então os nossos camaradas-d'armas, que faleceram no teatro-de-operações de Angola, que, em tempo, foram inumados com as devidas honras militares, ficaram onde?! Ao Deus dará?

No mato?!

E em subtítulo, ali também ficou escrito que «ainda existem 586 militares do Exército português enterrados em campas espalhadas pelo território angolano».

Tal, também não é verdade: nem são "586"; nem estão "em campas espalhadas".

Enfim, a ignorância atrevida por vezes não mata. Mas causa danos...